

## DIALOGICIDADE COMO DESAFIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E MÍDIA<sup>1</sup>

### DIALOGICITY AS A RESEARCH CHALLENGE IN MEDIA EDUCATION

LEIRO, Augusto Cesar Rios

Universidade Federal da Bahia  
Universidade do Estado da Bahia  
[cesar.leiro@ig.com.br](mailto:cesar.leiro@ig.com.br)

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas

Universidade Federal de Sergipe  
Universidade Federal da Bahia  
[dorenski@gmail.com](mailto:dorenski@gmail.com)

**RESUMO** Trata-se de um ensaio que discute o binômio educação e mídia como categorias teóricas substantivas e toma uma experiência teórico-metodológica de pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, com jovens de uma escola pública sergipana como referência. O questionário, os filmes seguidos de roda de conversa e a produção de jornal e vídeo foram os procedimentos metodológicos. Reconhece que as inovações tecnológicas se constituem em artefato significativo na vida dos sujeitos e aponta a formação como desafio estratégico para *afirmar protagonismos e dialogicidade na ambiência escolar*.

**Palavras-chave:** Educação-Mídia. Pesquisa-Formação. TIC. Educação Física.

**ABSTRACT** The present essay discusses the binomial between education and media as substantive theoretical categories, and it takes in consideration a theoretical-methodological research experience, developed in the Education Post Graduation Program of the Federal University of Bahia, with young people from a public school in Sergipe as a reference. The methodological procedures were the questionnaire, the movies followed by a round circle of conversation and the newspaper and video production. This paper recognizes that technological innovations constitute a significant artifact in the subjects' lives and highlights the students' formation as a strategic challenge to affirm protagonisms and dialogicity in the school environment.

**Keywords:** Education Media. Search Training. Tic. Physical Education.

---

<sup>1</sup> Este ensaio reflete experiências teórico-metodológicas de estudos sobre educação e mídia, desenvolvidos pelo Grupo MEL/PPGE/FACED/UFBA. A experiência discutida no texto é parte do estudo intitulado "Mídia-educação e suas implicações na formação do sujeito: subversão a partir da Educação Física", como aspecto fundante do diálogo estabelecido na escola.

## 1. INTRODUÇÃO

O texto em tela considera o binômio educação e mídia como campos teóricos substantivos, discutindo, a partir de estudos de natureza qualitativa, os nexos entre pesquisa e mídia e apresentando uma rica experiência metodológica em educação.

Para início de conversa, importa sublinhar que navegamos em tempos de globalização econômica, de ordinária hegemonia neoliberal e de consideráveis e extraordinários avanços tecnológicos de informação e comunicação. Um momento histórico de profundas e rápidas transformações, de grande investimento na nanotecnologia e de efervescentes mudanças na vida das pessoas, em todas as partes do mundo. Ao lado de tais questões, observamos uma crescente ampliação dos domínios da mídia, que vai se consolidando como um poder qualificado na sociedade contemporânea.

Estamos num momento significativo no tocante à mediação da comunicação entre as pessoas, o que implica em mudanças nas práticas socioculturais. É evidente o alcance e a variedade de possibilidades, no campo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e sua dimensão na difusão de conhecimentos, produtos e serviços.

É nesta perspectiva que percebemos que o processo formativo das juventudes está mudando, ou, pelo menos, precisaria mudar, pois elas estão imersas num ambiente repleto de inovações tecnológicas e que constituem parte significativa de suas vidas. São celulares sofisticados com multifunções, jogos eletrônicos, acesso às redes sociais, enfim uma diversidade de produtos das comunicações, que precisam de uma reflexão mais aprofundada, dos profissionais da educação.

Apesar de vivermos esta intensidade, que nos provoca cotidianamente, ainda são raros os trabalhos que se ocupam pedagogicamente das TIC e das mídias, em particular, com vistas à formação autônoma e socialmente responsável.

Assim, buscando superar a cultura do positivismo, que estabelece uma verdade absoluta acerca do tema, tratando os sujeitos, em grande medida, como objetos, e reificando suas vidas, caminhamos no sentido superador, na

contracorrente do poder conservador. Visamos uma perspectiva em que o sujeito é histórico e o conhecimento está imbricado no ser humano.

O presente texto inscreve-se no dossiê com o propósito de discutir a *pesquisa-formação*, como possibilidade de imersão no campo escolar. Utiliza-se dos pressupostos teóricos da *mídia-educação* e das TIC, como base para um diálogo teórico com o campo da Educação Física, numa perspectiva crítica e inovadora.

## 2. ESSÊNCIA QUALITATIVA NA PESQUISA-FORMAÇÃO: DIÁLOGOS E DILEMAS

No campo da pesquisa, principalmente quando se fala nas ciências sociais, consideramos essencialmente qualitativa a sua abordagem por se tratar do ser humano e das relações humanas como objeto complexo.

Importa pensar a abordagem qualitativa, ora por sua natureza, ora pelo seu caráter de aprofundamento das questões sociais. Além disso, é importante esclarecer que estamos na perspectiva em que o pesquisador estabelece um contato direto com o campo e o objeto. Assim, as sínteses passam a ter um significado mais fidedigno, pois, há uma imersão do pesquisador, para ler e interpretar a realidade investigada.

Neste sentido, as descrições e interpretações (observar, registrar, analisar) dos fenômenos são densas<sup>2</sup> valorizando as experiências dos sujeitos, sendo a aproximação com o objeto fundamental para garantir profundidade naquilo que é observado. Esta, talvez seja uma característica essencial do princípio qualitativo, pois a natureza do objeto (social) é muito complexa e o fazer do campo é amplo. É sob este aspecto que pensamos em abordagens capazes de valorizar as construções humanas, no ato contínuo de seus significados, compreendendo os sujeitos sociais, sua história e valores culturais.

Com isso, queremos dizer que o sentido qualitativo extrapola uma relação unívoca de oposição ao quantitativo, até por que compreendemos que se trata de “[...] inevitável imbricamento entre conhecimento e interesse, entre condições históricas e avanço das ciências, entre identidade do pesquisador e seu objeto, e a

---

<sup>2</sup> Partimos da perspectiva de Clifford Geertz (1989). Aqui, a ideia é que, imbricados aos sujeitos, vamos descobrindo os significados que estes dão às coisas e aos fenômenos.

necessidade indiscutível da crítica interna e externa na objetivação do saber” (MINAYO, 2007, p. 23).

Estabelecemos uma cumplicidade com o campo de pesquisa, numa relação indissociável entre sujeito e objeto, e com isto compreendemos os valores culturais e as representações de determinado grupo, sobre temas específicos, principalmente referentes à mídia e as TIC, bem como compreendemos as relações que se dão entre os sujeitos sociais, tanto no âmbito da instituição escolar quanto fora dela. A necessidade então é capturarmos algo do universo subjetivo, da realidade social, ou seja, do próprio dinamismo da vida (MINAYO, 2007).

Outro aspecto imbricado à perspectiva qualitativa de pesquisa, e que fortalece o entendimento sobre a *pesquisa-formação*, é próprio conceito de formação que estamos discutindo. Neste sentido, buscamos, no pensamento frankfurtiano/germânico, o significado da *bildung*, que representa a formação erudita, o conhecimento da cultura geral e a cultura do sujeito. Vale destacar ainda o sentido de formação, no âmbito da Grécia Antiga, que implica o significado de *paidéia*<sup>3</sup>.

Neste aspecto, verificamos que a palavra *paideia* vem de *paidos* (criança)<sup>4</sup> ou simplesmente “criação de meninos”. No entanto, ela manifesta uma dimensão para além do que fora criada, como expõe Jaeger (1995, p. 25): “Não se pode utilizar a história da palavra *paidéia* como fio condutor para estudar a origem da educação grega, porque esta palavra só aparece no século V”. O que se observa é que a palavra ganha característica na própria formação cultural do povo grego, a partir da educação, ou seja, o sentido atribuído a ela engloba a formação geral do homem e sua cidadania.

Desse modo, de geração em geração, germinava-se a criação de um ser humano digno, ético, cidadão, conhecedor, capaz de governar ser governado de forma esclarecida. Fazendo uma reflexão sobre isto, era como se colocássemos a ideia de cidadania, do conhecimento literário, da tradição cultural, da educação, todos dentro de um invólucro e fizéssemos sair um conceito geral que abrangesse a

---

<sup>3</sup> Era o "processo de educação em sua forma verdadeira, a forma natural e genuinamente humana", na Grécia antiga.

<sup>4</sup> Um pedagogo (pessoa que conduz, e que geralmente era um escravo) levava as crianças para aprenderem os ensinamentos da cultura grega com os sábios. Esse mesmo pedagogo libertou-se, talvez de tanto dialogar nos acompanhamentos do jovem até as assembleias, tornando-se um personagem da *paideia*.

formação humana. Ou seja, o sujeito aprendia com liberdade, observando seus sábios, a pensar criticamente, a elaborar propostas criativas para problemas, a manter as tradições culturais e a elaboração do novo, sem perder com isto o conhecimento advindo dos mais velhos. Portanto, o que se configura como formação está em sintonia com um processo de educação para a vida digna, para a cidadania.

O contexto dilemático que vivemos não nos isenta de reconhecer caminhos e horizontes societários como um projeto de educação e de vida. Importa sempre questionar a lógica da mercadoria e afirmar o relevo de uma sociedade esclarecida e emancipada. Parece-nos que a *utopia* de uma sociedade livre é cada vez mais difícil, o que torna este sonho frustrante. Adorno e Horkheimer (1985) chegam a afirmar que numa sociedade controlada pela mercadoria não há chances para a emancipação. No entanto, é evidente que os sujeitos em sociedade criam suas estratégias para subverter o processo de dominação e, a cada dia, abrem caminhos que se constituem em movimentos, encontrando fendas capazes de tecer novos fios e germinar outros, numa rede de interconexões.

Entendemos que a formação cultural para o esclarecimento, nesta sociedade, está coagida a sua própria regressão, pela dominação econômica, que configura uma sociedade fragmentada e, de modo oscilante, no perverso jogo do capitalismo e suas crises. Com isso, o projeto para a autonomia e o esclarecimento passa, necessariamente, por um projeto coletivo onde a formação cultural seria, então, a possibilidade de liberdade, de esclarecimento e emancipação.

Neste aspecto, a ideia de autonomia aqui defendida corresponde ao exercício pleno do esclarecimento/formação. Ao fazermos uma busca pela filosofia, a sociologia e a educação, entre outros campos, encontramos diversos sentidos, desde a sua origem etimológica – derivada do grego *auto* (por si) *nomia* (governo), que significa independência, direito de auto dirigir-se. Seu sentido, porém, também é político, ou seja, diz respeito à capacidade da estrutura social de autogovernar-se, indo até a faculdade que tem (especificamente) uma pessoa se autorregular através de seus próprios princípios. Enfim, é a capacidade de conhecer a si mesmo e, também, de se governar. Neste estudo, configura-se uma aposta nos sujeitos, em estabelecer suas metas, seus objetivos, descobrindo as fontes do conhecimento.

Entretanto, compreendemos que o exercício da formação/autonomia, em determinado período histórico, e, evidentemente, nos dias de hoje, foi tolhido.

Quando analisamos sua inserção na cultura da classe média burguesa, que se configurava no início do capitalismo e que representava uma oposição à hegemonia político-econômico-social da nobreza, percebemos seu potencial na essência do movimento autônomo e esclarecido. Contudo, este movimento, que também caracterizava o pensamento iluminista, com a expansão do capitalismo, principalmente, a partir da revolução industrial, manteve em sua base estrutural a exploração do trabalho. Isso foi cada vez mais separando o ser humano da sua formação cultural. Além disso, estabeleceu-se uma nova cultura para o consumo incessante, com a multiplicação das diversas mercadorias e de sofisticadas estratégias de propaganda, que adentram a educação pela porta da frente da escola.

Nesta perspectiva é que buscamos a superação desta dominação e passos significativos de conscientização, pela via da autonomia do sujeito e da práxis do processo, com vistas a contribuir no longo caminho da emancipação. A ideia fundante, aqui percorrida, passa por estabelecer possibilidades ou oportunidades para a construção do conhecimento, ou melhor, uma relação processual de formação em que todos estejam imersos na construção, ou seja, todos apreendem e aprendem.

A organização do trabalho pedagógico, na perspectiva freireana, assume o “universo temático”<sup>5</sup> ou conjunto de “temas geradores”, como horizonte de sistematização em Educação. Tal perspectiva implica necessariamente “numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação [...] que proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos” (FREIRE, 1978, p. 102-103).

Nossa esperança no processo formativo é que o educando seja estimulado a criar sua própria educação, construindo seu caminho, com todos os obstáculos que possam existir e não seguindo um modelo já previamente constituído. Esta é a luta contra os posicionamentos alienantes e a favor da autonomia

Talvez, a imbricação ao processo que nega uma educação danificada<sup>6</sup>, marcada pela alienação (exclusão da formação - negação da formação cultural -

---

<sup>5</sup> Com a mesma conotação, Freire o denomina de “temáticas significativas”.

<sup>6</sup> Entendemos, conforme Adorno (1993), que a educação ainda se encontra danificada, simplesmente por estar longe de se constituir em formadora de sujeitos críticos e emancipados. Ao invés de ser o

*Bildung*)<sup>7</sup>, esteja na linha contra-hegemônica de dominação. Em outras palavras, pretendemos ir ao sentido contrário do que implica a falsificação da formação (*Halb-Bildung*) – semiformação – ou seja, não pretendemos nos adaptarmos ou acomodarmos à natureza. Para Macedo (2011, p.109),

[...] a formação nos cenários das organizações educacionais se realiza de forma importante [...] conteúdo e forma, pensamento e outras práticas, instituído e instituinte são concebidos e refletidos de maneira não apartada, relacional, portanto, com todas as contradições, opacidades, ambivalências e paradoxos que as práticas humanas constituem e expressam.

Neste sentido, a formação constitui-se então em uma potência experiencial e a aprendizagem configura-se uma ação reflexiva. Este autor, juntamente com outros pensadores, como Pierre Dominicé, acredita que a formação é um objeto movente, ou seja, compreendido através de seus processos, dinâmicas e contradições, com isso vislumbram uma educação que se estabeleça pelo contato, pelas relações (MACEDO, 2011) e que se edifique como diversa e rizomática.

Para nós, este envolvimento é o da aprendizagem em que todos os envolvidos participam do processo, que se materializa como *pesquisa-formação*, com características academicamente rigorosas e capazes de instituir mudanças nas práticas, bem como nos sujeitos em formação (SANTOS, 2005).

Neste sentido, partimos da ideia de Nóvoa (2004, p. 15), quando afirma que “a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação”, o que nos faz ir tecendo as redes de relações que envolvem a permanência no ambiente escolar. Uma experiência de pesquisa consonante o que defende Dominicé:

A formação é um objeto movente, que implica ser compreendido através dos seus processos, das suas dinâmicas, das evoluções, em geral contraditórias. A formação é sempre singular, mas esta singularidade se constrói através dos percursos socializados, habitados por heranças coletivas. (DOMINICÉ apud MACEDO, 2010, p. 51).

Nesta perspectiva, Macedo (2011, p. 111-112) estabelece relações indissociáveis entre o conceito de formação e o processo de pesquisa, no campo educacional e fora dele, quando pensa nos sujeitos, assim:

---

antídoto da *semiformação*, ela reforça o processo de dominação e escravidão, “formando” escravos dóceis para uma vida de consumo.

<sup>7</sup> Sob este aspecto e sobre as terminologias *Bildung* e *Halb-Bildung*, foram extraídas da obra de Adorno (1996).



A formação não se ajusta à fabricação, à previsão que se quer perfeita, à reversibilidade e ao controle de produtos finais [...]. A formação é um assunto do âmbito dos atos de sujeitos humanos, portanto, é do âmbito também do imprevisto e do inusitado.

Percebemos que a pesquisa-formação traz os pressupostos da pesquisa-ação, principalmente quando há a compreensão de que “o processo de pesquisa deve se tornar um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada” (ENGEL, 2000, p. 184). Por isso, o caráter participativo do pesquisador, cotejando a relação teoria-prática aparece como essencial para o êxito no campo.

Nesse cenário, entendemos tratar-se de uma ação tripartite, de caráter formativo: problematização, diálogo teórico-metodológico e sínteses crítico-emancipatórias. Assim, isto significa dizer que nos movemos pela problematização em contexto em torno das temáticas significativas a que se referia Freire (1978); pela investigação como possibilidades de reflexão-ação, de modo compartilhado e dialógico e pela indicação de desafios estratégicos, como sínteses possíveis.

Desse modo, a participação coletiva é essencial para que se consolide a pesquisa-formação, ou seja, é necessário o envolvimento multidimensional na experiência. Assim, acreditamos na implicação com o processo de formação e aprendizagem, como supõe Barbier: “implicar-me consiste sempre em reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na sua situação interativa” (2002, p.101).

No campo, a cumplicidade é condição *sine qua non* para o pesquisador que compreende ser parte importante da formação dos outros e de si mesmo. Com isso, acreditamos em mudanças para além do factual.

Uma relação implicada que articula educação e formação como socialmente relevantes. Macedo (2011, p. 19) explica que “sabemos, ademais, em face da nossa formação moderna secular, que perder as relações que estabelecem sentidos fundamentais para compreendermos de forma pertinente e intervirmos de forma relevante em educação, passa a ser uma problemática séria”. Por isso, pensando no “bom senso” para o imbricamento no campo, trazemos mais uma vez Freire, quando nos alerta para a necessária (in)certeza:



Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena e, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber. (FREIRE, 2011a p. 62).

As perspectivas aqui enunciadas sobre a pesquisa formação se “casam” definitivamente com a abordagem qualitativa de pesquisa, consoante a produção e a socialização do conhecimento, sem arrogância científica e certa do fazer lacunar como desafio superador do problema em questão. Desse modo, vale ressaltar que a inversão das categorias – mídia e educação por educação e mídia – se dá por entendermos que a educação preside o campo temático e se constitui em porta de entrada para as pesquisas em âmbito escolar.

Movidos pelo conjunto das reflexões desenvolvidas é que apresentamos o relato do estudo acadêmico que elegeu a escola como campo empírico e como lócus privilegiado de pesquisa.

### **3. EXPERIÊNCIA TEÓRICO-VIVENCIAL EM EDUCAÇÃO (FÍSICA) E MÍDIA: EM JOGO A FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Para efeito do presente estudo os procedimentos metodológicos para/com as juventudes, em contextos escolares considerou objeto e *sujeitos de diálogo*<sup>8</sup> compreendidos a partir de um olhar sociologicamente livre. Não obedecendo a uma lógica *a priori* de demonstração, mas “a uma lógica de descoberta na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia” (PAIS, 2002, p. 34). É evidente, como metaforiza o referido autor, que mesmo nas rotas do cotidiano, o conhecimento do social:

[...] carrila através de conceitos, os quais constituem, por assim dizer, os vagões ou carruagens do conhecimento. Mas o investigador é o maquinista do carrilamento do conhecimento [...] e como etimologicamente método significa caminho e como o caminho se faz ao andar, o método que nos deve orientar é esse mesmo: o de trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de uma forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa mesmo quando <nada se passa>. Nesse vadiar sociológico, como se adivinha, importa fazer da sociologia do quotidiano uma viagem e não um porto. (PAIS, 2002, p. 35)

---

<sup>8</sup> Para Elsa Lechner, os informantes, os voluntários de uma pesquisa podem ser anunciados como “sujeitos de diálogos”. (Ver LEIRO, 2004).

Tais questões concorreram para afirmar a pesquisa de natureza qualitativa e socialmente referenciada. Um estudo no campo das ciências humanas e em particular no campo da Educação Física e mídia. Uma escrita ancorada nas teorias críticas de caráter reflexivo e emancipador da ordem vigente, e confortavelmente inscrita no debate sobre educação e práxis pedagógica.

A experiência em foco na presente escrita tematiza educação-mídia, na perspectiva da *pesquisa-formação* e relata caminhos teórico-metodológicos que envolvem o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), na cidade de Itabaiana, no Estado de Sergipe.

O conhecimento científico deve emergir do encontro entre a literatura e a realidade empírica, necessitando de “sujeitos de diálogos”, reconhecidos aqui nos jovens do CEMB, que emprestaram suas escritas ao questionário, e de objetos de estudos e objetivos de pesquisa entrelaçados ao acúmulo teórico produzido historicamente.

No dizer de Leiro (2004) refletir sobre a juventude como sujeito, requer compreendê-lo no plural na medida em que estamos diante de distintas juventudes. Nessa linha, para os estudos de Pais (2003) são múltiplas as possibilidades de estudo e abordagem no âmbito das culturas juvenis e a predominância de itinerários “descontínuos, sinuosos, fragmentados, imprevisíveis” na formação dos jovens, acolhendo duas tendências na sociologia da juventude. Em uma delas, “a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma fase de vida”. Na outra, em que nos referenciamos, “é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis” (PAIS, 2003, p. 29).

Assim sendo, o tema é interdisciplinar, relevante e multifacetado, necessitando de novas problematizações para responder às crescentes inquietações da sociedade. Nessa busca, percorremos trilhas e caminhos próprios, com destaque para o estímulo à curiosidade escolar e ao diálogo teórico com o campo da comunicação.

Trata-se de um processo no qual a formação identitária e cultural do jovem escolar sergipano da pesquisa afirmou-se como grupo de relevo e ganhou, na

presente etapa, um estudo específico. Associa-se a essa reflexão o desejo de experimentar e entender como os jovens constroem, no campo da mídia que tematiza o esporte, sua relação de produção/formação.

A investigação em tela considerou, para efeito de edificação do seu “objeto” de estudo, um percurso dialógico e mais amplo do que sincreticamente se convencionou. Para entender a amplitude dos estudos sobre escola, juventude escolar e mídia, foi preciso dar-lhes maior significação e afirmá-los como manifestações de educação, de participação, por meio de diferentes formas de captação de textos e imagens sobre o esporte e que podem, segundo Leiro (2004), favorecer o debate relacional entre as regras do jogo e as regras da sociedade. Tais manifestações podem, ainda, nos territórios escolares, se configurar em espaços referenciais de aprendizagem das culturas corporais, independente do segmento social ao qual o cidadão/cidadã pertence, da sua habilidade motora, opção sexual ou declaração étnico/racial.

Na perspectiva do presente estudo, quer a educação quer a mídia como campos teóricos, abrigam em si distintos focos de pesquisa. Aqui tomamos o olhar de Fávero e Santos, como parte construtiva de vida digna.

[...] definimos a educação como um processo de criação ao mesmo tempo de sonhos (utopias) e de realidades (materialistas). Uma educação que seja capaz de instaurar a fome no sentido da curiosidade permanente, que enseje uma abertura para o mundo e instaure a condição para o espanto e para a indignação frente às desigualdades sociais e a exclusão da parte que cabe a todos nós. [...], sem descuidar em nenhum momento, o fazer e o aprender, o sonho e a materialidade, o espanto e a ação. (2002, p. 15).

A trilha investigativa deste trabalho, a um só tempo, em contribuir na abordagem das problemáticas sociais significativas do Brasil, em particular do Nordeste, aprofundou sua reflexão acerca das possibilidades de formação humana das juventudes escolares.

Segundo Leiro (2004), pensar as juventudes significa pensar o Brasil a partir da sua cotidianidade e realidades.

Uma construção social em educação, à altura do nosso tempo, precisa se indignar com a concentração de renda e terra, com o abismo crescente entre o Brasil social e o Brasil econômico. É preciso considerar a dinâmica social e a necessidade de formulação de novas problemáticas de pesquisa,

a partir do mundo real, do mundo dos acontecimentos. (LEIRO, 2004, p. 65).

É preciso dar curso ao processo permanente de *educação e mudança* e de mudanças em educação, propostas por Paulo Freire.

De valores, de ideias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos. Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano. Todo este mundo histórico-cultural, produto da práxis humana, se volta sobre o homem, condicionando-o. Criado por ele, o homem não pode, sem dúvida, fugir dele. Não pode fugir do condicionamento de sua própria produção. Como dissemos antes, não há estabilidade da estabilidade, nem mudança da mudança, mas estabilidade e mudança de algo [...] Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento de contradição. (FREIRE, 1981, p. 45).

No cerne desse processo é que emerge a mídia como instituinte de conteúdos, potência de expressão socializadora de conhecimentos gerais e segmentados e como possibilidade de formação subversiva, em prol da afirmação da educação como direito pleno.

#### **4. (RE)ENCANTAR A ESCOLA: O ESTUDANTE COMO PROTAGONISTA**

O campo educacional de Itabaiana sempre foi destaque no cenário sergipano, principalmente, pelo o maior número de alunos/cidade aprovados no vestibular no Estado. Apesar disso, no tocante à escola pública, não muito diferente do contexto brasileiro/nordestino, esta ainda vem sofrendo com as precárias condições de trabalho. Mesmo com o crescimento quantitativo em relação às ofertas para o ensino, a qualidade do ensino é questionada.

O Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB)<sup>9</sup> nasceu da necessidade de políticas educacionais, principalmente no interior do Estado de Sergipe, e se constituiu no local de desenvolvimento da presente pesquisa. Trata-se da maior escola pública (Estadual) da cidade, com mais de 1.800 (mil e oitocentos) alunos, além de uma estrutura que inclui laboratório, sala de informática, quadra

---

<sup>9</sup> O nome do Colégio é uma homenagem ao advogado e político, Diretor do Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, professor e educador de renome nacional, que deu grande contribuição à educação brasileira, em especial ao experimento do Ensino Rural: “Murilo Braga do MEC”, como era conhecido.

poliesportiva, biblioteca etc. Para tanto, escolhemos a turma “A” do 9º ano, turno vespertino, como sujeitos de diálogo. Uma turma composta por 29 alunos que estão numa faixa etária entre 13 e 18 anos.

A metodologia contou com três procedimentos: o uso do questionário para voluntários; a apresentação de filmes, seguidos de rodas de conversas; produção midiática (jornal impresso e vídeo). Estes procedimentos se entrecruzaram, de modo indissociável, dando um tempero próprio à produção em questão.

Tomando os estudos de Silva (2000, p. 62) como referência, no levantamento dos primeiros dados empíricos, “o importante não é o que se vê, mas o que se observa com método”. Iniciamos com roda de conversa como estratégia de aproximação e levantamento das informações preliminares. Este procedimento proporcionou, de imediato, a imersão e implicação na ambiência da escola.

Adotamos o questionário (Leiro, 2004) como estratégia preliminar para entender os vínculos, a mídia, a juventude, o esporte e a Educação Física, além da apreensão, junto aos jovens, dos olhares acerca da relação entre mídia e esporte. Estes “dados” preliminares serviram de reflexão em torno da face figurativa e da significação, no que se refere à mídia, em especial à mídia esportiva.

Por fim, o estímulo e a produção midiática se constituíram em síntese da experiência formativa, que envolveu a construção do jornal impresso e a produção de vídeo.

Isto posto, ao aplicamos o questionário simples, com seis questões (sexo; idade; tem acesso a algum meio de comunicação; o que significa mídia; de que maneira se comunica com as pessoas; como fica sabendo das notícias), tínhamos o objetivo de diagnosticar a realidade da turma, no tocante à utilização e ao acesso aos meios.

Já de início um espanto: a faixa etária que deveria estar ente 13 e 15 anos, para nossa surpresa, havia uma discrepância que variava até os 18 anos, assim constituída: 13 anos – 03; 14 anos – 05; 15 anos – 13; 16 anos – 04; 17 anos e 18 anos, 03 – 01. Apesar da maioria se encontrar entre os quinze anos, esta variação atrapalha o processo de aprendizagem e, principalmente, o planejamento.

No tocante ao entendimento acerca da mídia, uma nova surpresa. Durante a aplicação do questionário, alguns estudantes perguntaram o que era mídia, alegando não saber nem o significado da palavra. Respondemos, então, que

deveriam expor o que achavam que fosse, mas estaria ligado aos meios de comunicação. Bastou isto para que a maioria dos alunos respondesse desse modo: “[...] meio de comunicação...”! Outros nem responderam. Mas os que se arriscaram em sua sinceridade, expuseram o seu entendimento. Destacamos neste sentido, quatro fragmentos – de diferentes estudantes – sobre o entendimento de mídia: “coisas bem interessantes”; “viver na atualidade”; “pessoas que trabalha no meio artístico...”; “significa muito importante para as pessoas”.

Além disso, percebemos que os estudantes têm dificuldades de acesso à rede, ainda que parte do grupo use a internet. Um dos fatores, a nosso ver, é que esses alunos moram em povoados distantes da cidade, o que dificulta o acesso. A maioria utiliza as mensagens em celular para se comunicar.

Como estratégia de aproximação com os sujeitos, a primeira ação foi passar um filme – o desenho animado dos *Simpsons*, episódio “Tarado Homer”. Neste, Homer é acusado de assédio sexual pela Babá de seus filhos. O motivo foi um chiclete – *Vênus de Milo* – avaliado em mais de seis mil dólares, que Homer roubou de uma feira de doces e que ficou preso na calça da babá. O ato de pegar o chiclete aparentou assédio pela Babá, pois o chiclete estava grudado na parte de trás da calça, na região das nádegas. Homer tenta provar sua inocência, uma vez que o caso ganhou repercussão nacional e toda mídia o incriminava. Sua inocência é provada após um zelador, Willie, que tinha o costume, com uma câmera, de fazer filmes escondidos e, neste caso, filmou o momento exato em que Homer pega somente o chiclete, inocentando-o.

Neste aspecto, fomos inserindo a discussão do papel da mídia, seu significado, sua força (poder) no cotidiano das pessoas e como ela está em toda parte. Mas, principalmente que podemos construir e produzir nossos próprios conteúdos midiáticos. Neste caso, percebemos que o espanto agora era dos estudantes, pois, ainda não tinham percebido que poderiam ser protagonistas da história.

O Plano de Ensino para educação Física<sup>10</sup> envolveu o conteúdo esporte em quatro modalidades (Futebol, Basquetebol, Voleibol, Handebol). Aproximando, assim, a relação mídia e esporte, solicitamos que os alunos trouxessem notícias que

---

<sup>10</sup> O Plano de Ensino é parte constituinte da pesquisa, pois sua construção deu-se no processo relacional, entre pesquisadores e o professor da escola.

eles vissem, ouvissem, lessem sobre um fato esportivo. A ideia, neste caso, era começar analisando o esporte, pela lente da mídia, o que estaria no plano da dimensão crítica e, a seguir, eles construiriam uma narrativa sobre o fato, que serviria de matéria para a construção de um jornalzinho da turma.<sup>11</sup>

Esta atividade foi desenvolvida em grupo e, apesar de uma inibição inicial, eles apresentavam o que escreveram sobre a notícia esportiva. Destaca-se um grupo que pesquisou especificamente sobre *A Educação Física e a Mídia Esportiva*, através da internet e na biblioteca da escola. Ficamos curiosos, pois, entre outras coisas, haviam transcrito assim:

A mídia esportiva exerce atualmente um papel muito forte na população sendo uma das responsáveis diretas pelo consumo de determinadas práticas esportivas por crianças, jovens e adultos. Modalidades esportivas são amplamente divulgadas e transformadas em objetos de consumo [...]. A Indústria Cultural se apropria destas práticas esportivas e as divulga através de programas de televisão rádio, revistas [...]<sup>12</sup>.

Explicamos que, quando escrevemos um texto e há citação de outra(s) pessoa(s), é importante fazer a referência dos autores da obra e, principalmente, que eles devem dialogar com o texto, expondo suas ideias, em contraponto com o texto. Eles relataram que ficaram procurando algo sobre o esporte e a mídia e perceberam que o texto que mais tinha a ver era este, mas eles desconheciam algumas palavras, como a indústria cultural, o que provocou uma discussão – adequada à idade deles – para a compreensão conceitual deste termo.

Consideramos válido e importante a “garimpagem” dos alunos, tendo em vista que pedimos a eles para procurarem notícias sobre o esporte, nos mais variados veículos midiáticos, e, para surpresa nossa, trouxeram um texto com conceitos mais complexos. Entendemos que nossas primeiras conversas sobre a mídia, bem como a mídia esportiva, provocou uma mudança de olhar neste grupo de alunos. Portanto, começando o processo formativo, não só para entender a mídia, mas, sobretudo,

---

<sup>11</sup> Todo processo de análise crítica, utilização e produção da mídia, nesta experiência, coaduna-se com a perspectiva de mídia-educação e sua relação com a *Formação* (alunos, professores, pesquisadores). Aqui fizemos referência a Fantin, (2006); Souza et al., (2009); Macedo, (2010); Freire (1978; 2011; 2011a;) entre outros.

<sup>12</sup> Após uma procura, descobrimos que o texto é “A Educação Física e a Mídia Esportiva”, publicado na Revista ALTERJOR, ano I, v.1. 1, jan.-dez. de 2010, de autoria do professor Marcus Pereira Novaes.



outras relações que estão imbricadas em ler, escrever, produzir (compreendendo) a mídia.

Os encontros seguintes foram marcados pela utilização dos equipamentos (câmeras – de filmar e fotográfica). De início, perguntamos se havia na sala dois alunos ou mais que pudessem nos ajudar nas filmagens, o que foi aceito por um casal de estudantes que aprendeu a manusear os instrumentos e depois partiram a filmar a aula de Educação Física. Explicamos que ficassem livres para filmar o que quisessem. Assim, fomos envolvendo os outros alunos até constituir um grupo (sete alunos), denominado de *Matrix*. Os primeiros integrantes indicaram um *tema gerador* e cumpriam o papel de multiplicadores (FREIRE, 1978).

Depois da fase de apropriação dos meios, discutimos sobre a captura das imagens, sobre o que filmar e elaboramos, neste sentido, um roteiro para a construção dos vídeos. A partir daí, germinou nosso primeiro vídeo sobre a Educação Física e um segundo em que os alunos se propuseram a filmar o espaço físico da Escola. Reunimo-nos em horários diversos para a *decupagem* e a edição. O resultado dessa etapa foi a apresentação, pelo *Matrix*, do vídeo já editado, ao restante da turma.

Neste processo, vale destacar o quanto entusiasmado ficaram (os alunos), quando se viram nas imagens, principalmente jogando, dando dribles, fazendo gols. Foram logo pedindo: “*professor tire uma cópia para mim...*”. Esta “deixa simbólica” (THOMPSON, 1998) permitiu uma maior aproximação com o restante da turma e também intensificamos o processo de aprendizagem com a mídia e as tecnologias, uma vez que o interesse pelo assunto aumentou. Assim, passamos a construir o jornalzinho, com matérias escritas pelos demais grupos da sala e sob a orientação editorial do grupo *Matrix*, na perspectiva de uma produção responsável, em que os alunos transcendem para a além da crítica, como também, para além do instrumental. Eles passaram a escrever e se expressarem com as linguagens da mídia, como esclarece (FANTIN, 2006). Segue o modelo da primeira versão do Jornal<sup>13</sup>:

---

<sup>13</sup> A primeira versão do Jornal – “Matrix” – foi produzida em setembro 2012

**“O Matrix”**

**Ano: 1, nº 1, outubro de 2012**

**HISTÓRICO DO JORNAL:** “O Matrix” é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência a *Matrix* como o lugar onde se gera, onde se cria.



Fonte: Grupo Matrix – Frente do Colégio Estadual Murilo Braga - CEMB

**Corpo Editorial - Quem somos:** – Aqui, os estudantes expuseram uma foto de todo o Grupo que compõem o Matrix.

**REFLEXÃO**

**“Esporte e Educação Física”**

Por: Alcivan, Geovana, Fabiana e Lidiana

Os jogos Olímpicos são um dos pontos mais marcantes da vida do ser humano, porque é uma forma de entretenimento e acima de tudo, orgulho para nosso País e de outros países. Para os atletas, é uma alegria e enorme privilégio todos que torcem pra seu sucesso; o gari Renato Sorriso serve como exemplo para nós, pois ele era gari e através dele o vê, a transição de Londres para o Rio, que foi marcado por sua entrada triunfal em uma festa que deve ser lembrada por toda a vida, afinal quem luta consegue e quem consegue vence com garra e todos os esforços e prestígio. O Brasil aproveitou para mostrar que existem pessoas que têm sonho e, acima de tudo, força de vontade de representar esse nosso País que foi e sempre será campeão...

**“Mídia e Esporte”**

Por: Vanessa Oliveira, Vanessa Menezes e Josefa de Fátima

A mídia e o esporte têm uma coisa em comum, a popularidade. Ela é muito importante para divulgar as vitórias, os lances mais marcantes e também as derrotas. Por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, ela está divulgando que o Brasil não tem uma tradição de ganhar medalhas como se espera de uma copa do mundo. A mídia também serve para declarar muitas emoções e também histórias tristes, como a última derrota do Brasil na Copa, em 2008. O jornalismo às vezes também costuma deixar um pouco de dúvida para mostrar ao torcedor uma vitória ou uma derrota.

**“A Seleção Brasileira de Futebol perde para a Seleção Mexicana por 2 x 1... fica com a prata!”**

Por: André, Carlos Júnior, David, José Edilson, José Júnior e Jonas

A derrota para a seleção do México na final do futebol nas Olimpíadas 2012, no olhar deste grupo, está relacionada aos aspectos táticos e técnicos, pois, para eles, precisaria melhorar a defesa; nos jogos aéreos o goleiro precisaria treinar mais; Treinar a posse de bola para entrosar o time. Com os adversários, a marcação precisaria ser mais “pesada”. Ainda, precisa convocar outros jogadores como: Kaká, Júlio César, Ronaldinho e companhia!!

Para: Ernandes, Diego Barros e Everton – A derrota da seleção para o México foi merecida, pois, jogou mal e deveria ter tomado uns quatro gols. Na opinião destes, quem deveria ser convocado era o Fred no lugar de Hulk. Além da presença de Kaká e Ronaldinho!!!



Esses moleques entendem do assunto, em?! Cadê a bola?

Foto: Matrix

1- **Notícias Nacionais** – expuseram sobre as eleições; o que aconteceu no Brasil de modo geral;

2- **Passa Tempo** – incluíram palavras cruzadas; perguntas e respostas, entre outros;

3- **Esporte** – sobre o que aconteceu e iria acontecer ao futebol local e nacional e outros etc..

4- **Itabaiana** -

No último dia 07/10 (domingo), o povo de Itabaiana elegeu seu Prefeito e Vereadores para administrar a cidade. Esperamos compromisso destes, independente de partido político e coligações, com as questões sociais e principalmente, com a educação, na melhoria das escolas, suas quadras, bibliotecas e valorização do Professor..., estamos de olho!!

5- **Eventos** – Aqui eles expuseram os eventos artístico-culturais da cidade.

Talvez, esteja aí a dimensão formativa e a condição protagonista em que todos (professores, alunos, funcionários etc.) passam a fazer parte no processo e vão se estabelecendo mudanças significativas, no olhar para o objeto, como algo movente. Neste sentido, ressaltamos o argumento de Fantin (2006, p.52):

Considerar as diversas dimensões da mídia-educação numa perspectiva integrada pode apontar na superação das contradições entre uma concepção mais instrumental (educar com as mídias) e outra mais conteudística (educar sobre as mídias), que, promovendo um uso crítico sobre as mensagens, favorece habilidades próprias de um indivíduo autônomo. [...] assumir uma perspectiva integrada capaz de pensar as

mídias como recurso global para a educação, seja porque são interpretáveis e criticáveis, seja porque são utilizáveis como linguagens por meio das quais se articulam as próprias visões do mundo.

Percebemos, quando estabelecemos relações formativas envolvendo a mídia, as TIC e principalmente com a imersão no campo de pesquisa, pelos pesquisadores, o processo se completa e flui em diversas possibilidades. A responsabilidade naquilo que se está produzindo em *mídia-educação* se materializa. Aqui, vale a “deixa” de Souza et al. (2009):

[...] o que se propõe [...] é o uso da mídia como uma possibilidade de diálogo crítico e criativo com a cultura, entendendo-a como forma de expressão e produção cultural, como objeto de análise e reflexão sobre seus produtos, mensagens e discursos e como agente de socialização e de promoção da cidadania.

O breve relato já é revelador de quanto o experimento pode ser formador, implicado e gerador de autonomia e esclarecimento.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o período de imersão no campo de pesquisa, observamos que o processo formativo se materializou ao mesmo tempo em que percebemos o quanto esta discussão precisa está presente na formação escolar.

Destacamos três momentos importantes: primeiro, quando aplicamos o questionário para termos um pequeno diagnóstico da relação dos alunos com as TIC e a mídia. Este primeiro momento foi significativo para a aproximação com a temática, assim fomos inserindo a discussão juntamente com a exibição de filmes, seguida da rica roda de conversa sobre o esporte na mídia, desenho animado, musicais entre outros.

Um segundo momento foi a aproximação com os equipamentos (câmera de filmar e fotografar). Vale destacar que os alunos, inicialmente, tiveram uma rejeição, mesmo aqueles que faziam uso, em seus celulares, por vergonha, timidez, mas, com o passar do tempo, foram ganhando autonomia e, principalmente, estabelecendo relações com os outros colegas. Além disso, aqueles que já dominavam o uso dos equipamentos iam repassando o conhecimento aos outros e isto, não só ampliava o aprendizado, como também estabelecia compartilhamento

do saber apreendido, que foi e é importante no processo democrático que queremos.

O terceiro momento foi marcado pela produção midiática – vídeo, jornal – com o uso dos equipamentos. Esta etapa colocou os alunos como protagonistas da história. Aqui, eles refletiram sobre como filmar, o que filmar, sobre como elaborar um roteiro de filmagens, o que recortar para a edição, entre outros e, com isso, construir a sua própria mensagem que se materializou na produção do jornal e do vídeo.

Este terceiro momento representa, também, o início de um processo de amadurecimento e autonomia crítica dos alunos, ao construírem sua própria mídia, após termos observado as diversas mídias que chegam a todo instante e nos bombardeiam com suas mensagens. Isto talvez seja um diferencial importante, no processo de aprendizagem, pois implica que nem tudo está perdido e ainda podemos subverter os processos ideológicos, que dominam as transmissões midiáticas, com perspectivas e ações para o esclarecimento.

Outro aspecto importante foi o lugar a especificidade que investigamos. Trata-se da Escola e da Educação Física, respectivamente, que muitas vezes estão distantes desta discussão. Os alunos chegam à escola carregados de informações, bem como de aprendizados que, muitas vezes, não são tematizados no ambiente escolar, deixando sua realidade à margem. Na outra ponta, a Educação Física finda, não só por ela, mas principalmente, pela mídia, reproduzindo e reforçando que seu conteúdo hegemônico é a prática do esporte e, muitas vezes, ações como as desta pesquisa são inibidas pelo preconceito e o temor do desconhecido.

Percebemos que o campo inspirou diversas construções, como também abriu espaço para outras que virão, como, por exemplo, a criação de um *blog* estudantil, o que aumentará o canal de diálogo entre eles e a comunidade. Um espaço-tempo de produção que deve levar em consideração a seriedade e a responsabilidade sobre o que e para quem está se escrevendo, postando e editando.

Foram ricas experiências transversais, capazes de envolver gradualmente professores, estudantes e a família. Um caminho sem volta, uma semente crítica para entender a mídia, para além do que se mostra.

As sínteses de uma pesquisa pode ser medida pelas sementes, ou seja, pelas problemáticas sociológicas que são plantadas, pelo jeito que se rega, isto é, pelo



modo de desenvolvimento do processo investigativo, e pela qualidade das suas colheitas e dos desafios deixados no campo.

### **AUGUSTO CÉSAR RIOS LEIRO**

É doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia/Universidade de Lisboa (2004), mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2001) e licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (1984). Possui formação em radialismo pelo IFBA e em Administração Esportiva pela UCSal. Atualmente é professor adjunto do PPGE da Universidade Federal da Bahia e professor titular do PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia. Na FACED/UFBA é representante docente na Congregação, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, Educação e Lazer (MEL).

### **SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO**

Licenciado em Educação Física/UFS. Mestre em Educação Física/UFSC. Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Pesquisador Fapesb. Professor Departamento de Educação Física/UFS. Membro do LaboMídia/UFS e Grupo MEL/UFBA.

### **REFERÊNCIAS**

ADORNO. T.W. ; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. Campinas. **Revista Educação & Sociedade**, Ano XVII, nº 56, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Editora Ática, 1993.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Editora Plano, 2002.

CARVALHO, V. de S. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana, SE: Edições o Serrano, 1973.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. Curitiba: Editora da UFPR. **Revista Educar**, nº 16, p. 181-191, 2000.

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAVERO, C. A.; SANTOS, S. R. **Semi-árido: fome, esperança e vida digna.** Salvador: UNEB, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

JAEGER, W. **Paidéia: Formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEIRO, A. C. R. **Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes.** 290f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2004.

MACEDO, R. S. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação.** Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **Atos de currículo formação em ato? – Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação.** Ilhéus: Editus, 2011.

MACHADO, J. **Saiba como surgiu o Murilo Braga e outras escolas de Itabaiana.** Disponível em: <[www.guiadeitabaiana.com.br/itabaiana](http://www.guiadeitabaiana.com.br/itabaiana)>. Acesso em: 05 abr. 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

PAIS, M. J. **Culturas juvenis.** Coleção Análise Social. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Portugal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso.** Imprensa de Ciências Sociais: Portugal, 2002.

SANTOS, E. O. dos. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente.** 2005. 300f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2005.



SILVA, A. L. Entre as armas da fome e as arma de fogo. In: **A outra face da moeda**. Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. 2000.

SOUZA, D. M. de. et al. Construindo diálogos em mídia-educação e educação física: algumas reflexões a partir de estudos do observatório da mídia esportiva/UFSC. **Revista Conhecimento Online**, ano I, v. 1, set., 2009.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.